

JORNAL: *Correio da Manhã* LOCAL: *Quarabara.*

DATA: *16/11/1970* AUTOR: *Jayme Maurício*

TÍTULO: *O Fim é a Mensagem.*

ASSUNTO: *Ivan Moraes aluno de Ivan expõe.*

plásticas

Os

bons

endereços

Jayme Maurício

Continua em número intenso as inaugurações deste fim de temporada, num ritmo tão acelerado que mal permite o comentário crítico. Aliás, parece que as galerias e museus já não desejam esse comentário, nem mesmo grande número de expositores — querem a tal promoção, o registro, a publicidade, enfim. E como o espaço é restrito e o tempo curto, não há outra saída além da notícia com alguma orientação para o leitor, em última análise o consumidor de informação — o resto é comércio e vaidade.

— As exposições que recomen-

damos com ênfase são as de Rubem Valentim no Museu de Arte Moderna, um severo e autêntico pesquisador das raízes brasileiras elevadas a um vocabulário formal universal; a de Santuza, na Petite Galerie, uma jovem pintora que retoma o filão geométrico-estrutural, dando-lhe um vigor novo numa formulação austera e tonalmente rica; Newton Rezendes, na Galeria Bonino, onde nota-se a passagem de linha progressiva do realismo fantástico do ano passado para quadros objetos mais claros, menos subjetivos, lembrando um certo Picabia, mas sempre pessoal, inventivo e sensível.

— Há para ver ainda as gravuras de Marília Rodrigues e Maria Luiza Litsek, no IBEU, certamente mais uma demonstração do desenvolvimento da boa gravura em metal que temos no Rio; as novas propostas surrealistas de Zama, no Studius das Laranjeiras 498, antes da mostra que a artista fará em Munique; o que ocorreu com a pintura de Edelweiss, ausente há muitos anos e agora com uma exposição na Loggia, Barata Ribeiro 334-A, e com o primitivismo

O FIM É A MENSAGEM



de Alexandre Filho, entre os móveis da Meia Pataca, na Visc. de Pirajá, 47, com recomendação de Harry Laus; e **chez** Jorge Montmartre, na São Clemente 72, os desenhos de Heloisa Frederico, apresentada por Silvia Leon Chalreio; e Frank Hallan, Isabel e outros.

— A semana entra com novas mostras, entre as quais a do carioca-baiano Ivan Moraes, na galeria do Copacabana Palace, terça, 17. Trata-se de pintor que afirmamos há vários anos, como uma das esperanças de um certo gênero da jovem pintura brasileira. Como tantos, aluno de Ivan Serpa e que muito cedo foi abrigado em individual pelo .. MAM do Rio, na gestão Aloysio de Paula. Suas baianas, santos, cenas folclóricas, tratadas com minúcia quase obsessiva, onde o artesanato muitas vezes supera a imaginação, alcançam muito sucesso, especialmente entre os estrangeiros. Iclélia Duarte Coelho, a eficiente divulgadora da galeria do Copacabana (parece que é a única galeria que se ocupa eficientemente com esse aspecto louvável de divulgação) diz que nes-

ta mostra Ivan Moraes vem com novas bossas, mas sempre fiel à temática brasileira.

— No mesmo dia 17, terça, teremos Rogério Teruz, filho do conhecido pintor, na Galeria Marte-21, Farme de Amoedo, 76. Recomendado por Antônio Bento que diz que “o jovem pintor não quis filiar-se à corrente dos moços que hoje confeccionam objetos diversos ou daqueles que procuram a criação de formas novas”. Faz pintura de atelier (?!). Vamos ver.

Ainda dia 17, mas lá em Brasília, Márcia Barroso do Amaral mostrará suas excelentes constelações transformáveis com apresentação deste redator. Esperemos que Brasília, revigorada culturalmente com tantas transferências, saiba compreender a boa proposta da jovem artista.

— Júlio Vieira, que fez boa mostra ano passado, voltará a expor, desta vez na galeria Celine (Barata Ribeiro, 818), agora com apresentação do dinâmico Walmir Ayala, que a faz de forma bastante polêmica, dando ao pintor um novo enfoque: manter-se marginal, recusando seguir o **rebanho** de falsas e ilusórias adesões. De fato, Júlio Vieira é um bom pintor que procura inovar numa elaboração conservadora. E o faz bem.

16-11-1970

Correio da Manhã